

Uma perspectiva da música RAP de Azagaia acerca dos desafios da sociedade moçambicana no tempo presente.

Emílio Ranieri Migliorini¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar, a partir de elementos existentes nas letras produzidas pelo rapper moçambicano Azagaia, identificar quais as propostas de transformação ele aponta para a sociedade e quais os desafios que se colocam à frente dessa mudança, na chave de pesquisar e entender as reminiscências do passado colonial ainda presente em Moçambique. A narrativa é utilizada tanto pela História, quanto pelo RAP, como uma forma de compartilhar as experiências vividas através do tempo. As reflexões deste trabalho estão alicerçadas no campo de estudos pós-coloniais no propósito de questionar as tradições eurocêntricas que fundamentam as percepções estereotipadas acerca das populações em África desde o início da modernidade, resultando nas formas de dominação sofisticadas da colonialidade, bem como na perspectiva da História do Tempo Presente ao refletir acerca de um passado ainda presente em Moçambique.

Palavras Chave: Azagaia, História do Tempo Presente, Moçambique

Abstract: This article aims to analyze, from the existing elements in the lyrics produced by the Mozambican rapper Azagaia, to identify which transformation proposals he points out to society and which challenges lie ahead of this change, in the key to research and understand the reminiscences of the colonial past still present in Mozambique. Narrative is used both by history and by RAP as a way to share the experiences lived through time. The reflections of this work are grounded on the field of post-colonial studies in order to question the Eurocentric traditions that have been the basis of the stereotyped perceptions about the populations in Africa since the beginning of modernity, resulting in the sophisticated forms of coloniality domination, as well as in the perspective of the History of Present Time when reflecting about a past still present in Mozambique.

Key-words: Azagaia, History of Present Time, Mozambique

Este artigo faz uma análise sobre as propostas do *rapper* Azagaia para transformação da sociedade moçambicana apresentadas em algumas de suas letras de RAP, na chave de investigar e entender as reminiscências do passado colonial no tempo presente. As músicas utilizadas como fontes foram: “Eu não Paro”, “As Mentiras”, “As Verdades”, “As Mentiras da Verdade”, “Ciclo da Censura” e “A Marcha”, do álbum Babalaze, de 2007; “Emboscada” (2012) e “Povo no Poder” (2008) *singles*; “Começa em Ti”, “A Minha Geração”, “Wa Gaia” e “Revolução Já”, do álbum Cubaliwa, de 2013.

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), com bolsa de estudos para pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisador associado do Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais - AYA (www.laboratorioaya.com).

Além da análise dessas músicas, algumas entrevistas realizadas entre os anos de 2007 e 2018, acessadas via internet, contribuíram para compreender a perspectiva do artista em relação às propostas existentes em sua produção identificadas nesta análise, a partir de uma perspectiva inserida em um tempo e espaço social distinto do sujeito interlocutor. Em razão disso, se fez necessário estabelecer o diálogo com uma base bibliográfica que permitiu compreender a estrutura da República de Moçambique e entender, a priori, os desafios enfrentados pelo país.

Um dos eixos existentes no campo da História do Tempo Presente é a reflexão acerca da temporalidade, em particular, os passados que não passam. Segundo Delacroix (2018, p. 45), os grandes traumas constituídos no passado permeiam as identidades e as consciências históricas nacionais, permanecendo nas memórias, nas relações sociais e em eventos que irrompem um determinado passado no tempo presente. A chave é temporalizar o passado que subsiste no presente.

Partimos do pressuposto que a produção musical do *rapper* Azagaia é constituída de narrativas que citam eventos históricos do passado recente e que representam grandes traumas para a história de Moçambique. Nosso objetivo é, a partir de elementos existentes nas letras produzidas pelo Azagaia, identificar quais as propostas de transformação ele indica para a sociedade na qual está inserido e quais os desafios que se colocam à frente dessa mudança.

Azagaia é o nome artístico de Edson da Luz, moçambicano, nascido em 1985 ao sul do país em uma vila chamada Namaacha. Filho de um professor caboverdiano com uma comerciante moçambicana, aos 10 anos de idade seus pais se divorciam e então, ele muda-se com sua mãe para a capital, Maputo. Cresceu rodeado por mulheres, mãe, irmã e tia, herdou de seu pai o gosto pela leitura e logo descobriu os poemas de José Craveirinha, que lhe influenciaram com mensagens de revolta e esperança. Antes das letras de RAP, foi através da escrita de poemas que Edson da Luz viu uma forma de pertencer à sociedade, uma maneira de “contribuir com a crítica para melhorar o meio”, em suas palavras².

Em 2005 é lançado seu primeiro álbum de RAP com o grupo Dinastia Bantu, *Siavuma*, trazendo 11 músicas em parceria com o *rapper* Escudo. Azagaia e Escudo

² Entrevista completa disponível em: <https://oficinadesociologia.blogspot.com/search?q=Azagaia+biografia+e+entrevista> acessado em 21/02/22.

formavam o ataque e a defesa na luta pela conscientização e contra a desinformação em Moçambique. Ainda que o RAP tenha surgido e se consolidado nos Estados Unidos, por volta da década de 1980, as referências africanas são evidentes neste primeiro lançamento. A começar pelo nome do grupo, uma referência direta aos povos Bantu localizado ao sul do Saara, que se utilizam do tronco linguístico bantu para se comunicar. E ainda em seu nome artístico, no sentido de que esses povos utilizam uma lança de cabo curto tanto para caça quanto para a guerra chamada de azagaia.

O grupo não deu certo e em 2006 Azagaia lançou sua primeira música em carreira solo. A música “As Mentiras da Verdade” (AZAGAIA, 2007a) destacou o artista na cena nacional e gerou discussões em torno dos temas que aborda, resultando em acusações de censura por parte da mídia e debates públicos onde o *rapper* foi refutado e parabenizado pela composição da letra. Este episódio logo no início de sua carreira colocou Azagaia enquanto um artista contundente em seu país.

A música citada acima compôs seu primeiro álbum solo intitulado Babalaze, que significa “ressaca” em língua *changana*, lançado em 2007 contendo 15 músicas que procuram incentivar a reflexão sobre temas importantes para a sociedade. Em uma declaração de 2011, Azagaia fala que “a partir daí, a cada momento que passa vou me tornando mais o Azagaia que eu sou, vou ganhando a forma e força desta arma” (BUALA, 2011). Dentre os temas que aborda neste primeiro trabalho, estão a banalização do sexo, o questionamento de alguns hábitos sociais e, principalmente, a exposição de suas ideias para transformar a sociedade moçambicana, bem como outros países do continente.

Seu segundo álbum intitulado Cubaliwa, que significa “renascer” em língua *sena*, foi lançado em 2013 e é composto por 13 músicas. Seu último álbum, lançado em 2019, é o primeiro com o título em português, chama-se Só Dever e possui 7 músicas. Nestes três álbuns Azagaia aponta sua caneta para criticar a classe dominante de Moçambique, abordar os direitos e os deveres de cada cidadão moçambicano, bem como sua conduta e conscientizar as pessoas acerca das causas e os efeitos da desigualdade econômica e social no país. É o desejo de mudança que move Azagaia, “o

inconformismo com a situação atual do país e principalmente a vontade de ser a voz que o povo não, mas que precisa”, afirma³.

UM BREVE CONTEXTO DA MÍDIA EM MOÇAMBIQUE E DA CARREIRA DO AZAGAIA.

Compreendemos a música RAP como uma narrativa que expressa, dentre outros aspectos, as experiências e os olhares de quem produz sobre determinados temas. Assim, para interpretar o ponto de vista do Azagaia em suas produções musicais se fez necessário investigar sua trajetória, não apenas como artista, e procurar entender o contexto de suas experiências de vida em Moçambique.

Partimos do pressuposto de que para produzir suas letras, Azagaia observa e identifica alguns problemas sociais que afetam a população de maneira direta ou indireta. O descaso da classe política e demais autoridades do país em relação a precariedade da sobrevivência de grande parte da população é um dos principais incômodos do artista. Segundo dados de 2017 do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento, Moçambique ocupava o sexto lugar entre os vinte países mais desiguais do mundo⁴. Em uma entrevista de 2018 Azagaia define seu trabalho da seguinte forma: “eu faço, basicamente, música de intervenção social, que é analisar a sociedade em que a gente vive e como é que as pessoas podem se posicionar para responder aos vários desafios que nós temos”⁵.

Em 2010, numa entrevista realizada na Dinamarca⁶, Azagaia afirma que existe um problema de liberdade de expressão em Moçambique e que por sua abordar questões sociais e políticas em suas músicas, como estão associadas, enfrentou problemas com a divulgação do seu trabalho, sofrendo censura por parte da mídia à época do lançamento da música “As Mentiras da Verdade” (AZAGAIA, 2007a), como já citado. Lançada como *single* em 2006, a letra da música gerou debates envolvendo sociólogos que foram contrários e favoráveis à composição feita por Azagaia. Disponibilizado em uma plataforma de vídeos na internet e publicado no site “Diário de um Sociólogo”, do

³ “Uma Azagaia no coração da mentira”, por Rui Lamarques. Disponível em <http://comunidadeemocambicana.blogspot.com/2011/08/uma-azagaia-no-coracao-da-mentira-1.html> acessado em 19/07/2021.

⁴ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/12/09/brasil-e-o-7-mais-desigual-do-mundo-melhor- apenas-do-que-africanos.htm> acessado em 21/02/22.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TZYPDEy3Bbg> acessado em 03/08/2021.

⁶ Entrevista intitulada “Azagaia: Sobre a Liberdade de Expressão em Mozambique”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVsyhpgtYc> acessado em 04/08/2021.

sociólogo Sérgio Guerra, o videoclipe da música fez grande sucesso contando atualmente com mais de seiscentas mil visualizações⁷.

Na época do lançamento, a Rádio da Cidade ligada ao governo reproduziu a música uma única vez, censurando o Azagaia em razão do tom crítico contra o governo (MENDONÇA JÚNIOR, 2020). Tal fato gerou ainda mais visibilidade, pois as emissoras concorrentes deram espaço para o artista. Esse episódio promoveu notoriedade para sua produção artística e alavancou sua recente carreira solo. Segundo Mendonça Júnior (2019, p. 171 *apud* CUNHA, 2013), a identidade cultural moçambicana e os meios de comunicação se desenvolveram semelhante ao padrão inglês de colonização, como na antiga Rodésia. O primeiro jornal de Moçambique foi a edição do Boletim Oficial em 1854 no qual transmitia as informações oficiais do governo colonial português. Em 1868, é publicado o jornal O Progresso e na década seguinte, O Africano, em 1877, e O Vigilante, em 1882 e o Clamor Africano, em 1892 (Ibidem). Mendonça Júnior explica que, até o final de 1920, esses jornais veiculavam textos literários e que o desenvolvimento da imprensa moçambicana ocorre na cidade da Beira e em Lourenço Marques, atual Maputo (Ibidem)⁸.

Segundo Cunha (2013 *apud* MENDONÇA JÚNIOR, 2019, p. 171), durante o período colonial o rádio se coloca como um importante meio de comunicação e difusão de informações⁹. Ao fim do período colonial, multiplicaram-se os jornais que, em sua maioria, estavam ligados aos interesses de grupos capitalistas, próximos ao regime colonial e contrários aos movimentos de libertação (CRUZ E SILVA, 1998 *apud* MENDONÇA JÚNIOR, 2019, p. 171)¹⁰. Entretanto, com o fim do colonialismo português e a tomada de poder pela Frelimo, em 1975, esta passa também a exercer maior controle sobre a imprensa e os jornais passaram a publicar apenas em português, em razão do novo regime entender que o multilinguismo ser um fator de divisão (CHICHAVA E POHLMANN, 2008).

As línguas nativas eram encaradas pelo partido da Frelimo como um sinal de tribalismo, fortemente combatido pelo partido com a intenção de construir o “homem

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=b9IwDjrUNTE>, acessado em 21/02/2022.

⁸ O Africano e O Brado Africano (1908-1920) foram os jornais de maior circulação sendo direcionados à elite urbana com suas publicações em ronga e português (MENDONÇA JÚNIOR, 2019, p.171)

⁹ Em 1933, a Rádio Clube de Moçambique começa a operar sendo a primeira na colônia portuguesa e na década de 1940, o Grêmio dos Radiófilos teve um significativo papel na difusão desses veículos (Ibidem).

¹⁰ Havia jornais em línguas nativas como o *Nyeleti Ya Miso* (Estrela da Manhã) e o *Kuca ka Mixo* (O Cair da Manhã), ligados a igrejas protestantes (Ibidem).

novo” moçambicano, caracterizado por hábitos modernos e contribuinte para a política desenvolvimentista que seria implementada. Os jornais de grande circulação, próximos ao antigo regime colonial, foram encerrados, pois este controle sobre a imprensa era essencial aos olhos do partido da Frelimo. Segundo Mendonça Júnior (2019, p. 172), essa nova imprensa deveria transmitir os valores e os ideais do novo regime, procurando consolidar a unidade nacional e incentivar o combate aos segmentos que fossem contrários à nova ordem estabelecida¹¹.

A primeira emissora de televisão foi instalada em 1981, primeiro dentro da cidade de Maputo, mas gradualmente foi se espalhando para as demais cidades e províncias. Na medida em que o investimento nesses meios de comunicação estatais aumentava, em paralelo, os veículos particulares eram encerrados. Somente em 1990, com a aprovação da nova Constituição, que Moçambique se transformou em uma democracia multipartidária, estabelecendo no ano seguinte a primeira Lei de Imprensa (Lei nº 18/91) que garantiu a liberdade de expressão e de criação de imprensa. Esta nova Lei permitiu a criação do Conselho Superior de Comunicação Social (CSCS), com o objetivo de assegurar a independência e a autonomia dos veículos de comunicação. Entretanto, o órgão é frequentemente acusado de favorecer o partido no poder¹².

A sobrevivência de veículos independentes é a dificuldade financeira devido a ligação dos políticos com empresários, pois para conseguir anúncios publicitários esses veículos devem evitar contrariar os interesses de ambas as classes. Para Mendonça Júnior (2019, p. 177), o problema está na ausência de um Estatuto do Jornalista para determinar os direitos e deveres da profissão. Por exemplo, é possível que alguém ocupando cargo político exerça a profissão de jornalista ao mesmo tempo (Ibidem). Em suma, a mídia em Moçambique está condicionada aos interesses da Frelimo, mesmo os veículos privados, segundo Cunha (2017, p. 37 *apud* MENDONÇA JÚNIOR, 2019, p. 177), a censura, a autocensura e o “jornalismo de partido único” são características específicas das coberturas jornalísticas de Moçambique.

¹¹ Em 1977, na III Conferência da Frelimo, ocorre a adesão oficial do partido da Frelimo à concepção política marxista-leninista, no qual a imprensa seria a responsável em promover “a união da classe operária e dos camponeses na luta contra o capitalismo e o imperialismo” e contribuir para a construção do “homem novo” (Ibidem)

¹² Segundo Chichava e Puhlmann (2008), a maior crítica gira em torno do presidente e do vice do CSCS serem indicações do presidente da república, o que se presume o alinhamento de interesses para ocupação dos cargos.

Em certa medida, os argumentos de Azagaia, acima mencionados, estão em consonância com os trabalhos pesquisados sobre a mídia no país, mesmo que outras emissoras tenham divulgado a sua música censurada pela rádio ligada ao governo. Por outro lado, se verifica a hipótese de que se não foi o próprio governo que determinou tal censura, a decisão veio da rádio procurando antecipar tal possibilidade. O que sustenta o argumento seguinte, na mesma entrevista, da existência de uma “censura indireta” ou “autocensura”, sendo preciso “desafiar estes limites que são impostos e principalmente, a autocensura não é. Nós somos um povo livre, temos nossos direitos e nós devemos exigir” (Ibidem).

Então, falando em músicas passando tanto quanto outras, podemos dizer que existe uma censura indireta, porque quando determinado estilo de música é promovido, determinado tipo de mensagem é promovido em detrimento de outras. As pessoas que fazem estas outras, esses outros tipos de música, com esse outro tipo de mensagem sentem-se marginalizados e só tem duas opções, ou fazem música como os que estão a ser promovidos fazem, esquecem a sua identidade, os seus objetivos, ou então, simplesmente param de cantar, porque não terão espaço. (Ibidem)¹³

Azagaia não se adapta ao mercado da música fomentado pela indústria cultural, na qual possui forte interferência ocidental. Ainda que sua trajetória no RAP teve forte influência estadunidense, destaca em entrevista realizada em Lisboa, na rádio Red Bull¹⁴, que “nós cantamos no mundo, sempre tem influências. Só que nós temos que saber traduzir isso para a nossa realidade”. Na mesma entrevista, Azagaia explica que as músicas “As Mentiras da Verdade”, “As Mentiras” e “As Verdades”, que integram seu primeiro álbum, formam uma trilogia que fazem um “raio-x da sociedade moçambicana” e, até certo ponto, “reflete um pouco daquilo que acontece com os africanos”¹⁵.

Em síntese, na música “As Mentiras” ele apresenta suas críticas às elites africanas que enriqueceram após as independências enquanto grande parte da população vivia, e ainda vivem, abaixo da linha da pobreza: “É Mentira! Que tu és independente/ Que levaste pra frente o teu continente/ É Mentira! Tu não quebraste a corrente/ No passas de um escravo inconsciente” (AZAGAIA, 2007, faixa 4). Na música “As Verdades”, a ideia de recusa é a proposta central da letra que é marcada pelo refrão:

¹³ Entrevista intitulada “Azagaia: Sobre a Liberdade de Expressão em Mozambique”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVsyhpggtYc> acessado em 04/08/2021.

¹⁴ Entrevista realizada na rádio Red Bull, em Lisboa, Portugal, em 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AEGy_HyDotg acessado em 19/07/2021.

¹⁵ Ibidem.

“Diga não à exploração/ Cuidado que a informação é meio de colonização/ Aprende que a revolução/ Começa quando a nossa gente souber dizer NÃO, NÃO” (AZAGAIA, 2007, faixa 14).

A música *single* “Povo no Poder”, de 2008, foi outra propulsora em sua carreira devido a repercussão. Alguns dias após o lançamento da música na *internet*, Azagaia recebeu uma intimação para prestar esclarecimentos na Procuradoria da República da Cidade de Maputo sob a acusação de incitação à violência. A letra da música retrata uma revolta popular ocorrida em Maputo, em fevereiro do mesmo ano, motivada por medidas do governo em aumentar o valor do transporte coletivo, elevando o custo de vida. A população se organizou e saiu às ruas em protesto, erguendo barricadas nas avenidas. A resposta do governo foi de desclassificar e reprimir os manifestantes. Todavia, não restou alternativa, o governo teve que voltar atrás com as medidas, cedendo à pressão popular.

Ao final dos anos de 2007 e 2008, Azagaia lançou duas músicas no qual faz uma retrospectiva de cada ano destacando os principais eventos que mais lhe chamaram atenção. A de 2007 chama-se “Obrigado Pai Natal” e a de 2008, “De Novo, Obrigado Pai Natal”. O refrão das duas músicas é semelhante, ambos agradecem pela impunidade garantida aos casos de corrupção em Moçambique:

“Pelos casos que abafamos/ Pelos carros que importamos/ O salário que ganhamos/ Obrigado Pai natal/ De nada, filho!/ De nada, filho!/ De nada, filho!/ De nada, filho!/ Pelo povo que roubamos/ Pelos danos que causamos/ E no fim não pagamos/ Obrigado Pai Natal (AZAGAIA, 2007, *single*)

Na segunda música, consta no refrão: “Pelos casos que abafamos/ Os carros que importamos/ Salários que ganhamos, pai natal/ Danos que causamos/ Tributos não pagamos/ De novo, obrigado pai natal” (AZAGAIA, 2008, *single*).

Em 2009, Azagaia lançou o *single* “Combatentes da Fortuna”, já citada, com uma mensagem direta aos dirigentes africanos. Essa música traz em dois momentos trechos do discurso de Samora Machel como se o presidente complementasse a letra composta por Azagaia. Os eventos narrados nessas músicas serão abordados no segundo capítulo.

Nesse mesmo ano o *rapper* lança a música “Corre e Avisa” (2009), em apoio à candidatura independente de Daviz Simango à presidente da província de Beira. Com um refrão criativo, no qual ele mistura Frelimo e Renamo, criando a “Frenamo”: “Não

há nenhum fato, *machavo, bararamo*, que pode derrotar um povo soberano/ Vai, corre e avisa pra ‘Frenamo’ que o povo escolheu Davis Simango” (AZAGAIA, 2009, *single*). Simango era membro da Renamo mas acabou expulso por divergências políticas, se candidatando de forma independente, chegando a se eleger e, posteriormente, fundou o Movimento Democrático de Moçambique (MDM). Simango veio a falecer em 2021 e, como não poderia deixar de prestar uma última homenagem, Azagaia lançou a música “Dedicatória”, expressando sua admiração: “Ah, revolucionário Daviz Mbepo Simango/ Veio de uma luta e se foi lutando/ Barreiras para muitos. Inspiração pra mim/ Entre leões, só um leão resiste até o fim” (AZAGAIA, 2021, *single*).

Após o apoio à candidatura de Simango, Azagaia passou a ser questionado em algumas entrevistas sobre a possibilidade de se candidatar a algum cargo político, ele assume que fez parte do começo do MDM, contudo afirma ter percebido que não era o que queria e se desligou¹⁶, assinalando que:

Com a minha música já faço muito! E eu tô mais virado para a educação dos jovens, dos mais novos. E para mim isso é o mais importante. Porque se as pessoas puderem tirar aquilo que acharem útil na minha mensagem, já é muito! Porque eu fui tirar o que eu achei útil da mensagem, não de presidentes, nem políticos, não! Mas de escritores... (AZAGAIA, 2018, transcrição nossa)

Em 2011, já não é a letra de uma música que gera mais um embate que acaba por trazer visibilidade nacional para Azagaia. O artista teve a prisão temporária decretada, ficando detido por 48 horas em uma delegacia, junto com seu produtor, que portava uma pequena quantidade de *suruma*¹⁷. O caso foi visto pelo *rapper* como perseguição e um “recado” devido ao teor de suas músicas, já que estava a caminho de um bar onde ocorreria o lançamento do videoclipe da música “A Minha Geração” (AZAGAIA, 2013, faixa 13). Este episódio serviu de inspiração para criação da música “A Confissão” (2011), em que Azagaia retrata a experiência e acusa a suposta corrupção policial, ao dizer no refrão que, “eu vou ser julgado, porque eu não subornei a polícia/ Eu não, eu não/ Posso até ser condenado, mas não eu não subornei a polícia/ Não, não” (AZAGAIA, 2011, *single*).

Em 2014, Azagaia participou do programa Atrações TV, em Angola, e acendeu um cigarro de *suruma* ao vivo, tirando o programa do ar e provocando a demissão do apresentador. Desta vez o *rapper* teve que assumir o erro, vindo a público pedir

¹⁶ Entrevista realizada na rádio Red Bull, em Lisboa, Portugal, em 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AEGy_HyDotg acessado em 19/07/2021.

¹⁷ Um dos nomes da *cannabis* sativa em Moçambique.

desculpas e explicar que fazia uso medicinal da erva por sofrer com epilepsia. No mesmo comunicado, informou que iria abandonar a carreira musical e que retornaria para a vila de Namaacha.

Passado algum tempo, Azagaia revelou a verdadeira causa do seu afastamento, havia sido diagnosticado com um tumor no cérebro. Inicia-se a campanha pela *internet*, “*Help Azagaia*”, para arrecadação de fundos que cobririam os custos do procedimento cirúrgico para remoção do tumor, que aconteceria fora do país. Em poucas semanas foram arrecadados 790 mil meticais, equivalente a quase 20 mil euros, cobrindo todos os custos do tratamento, a viagem e a permanência por duas semanas na Índia. O agradecimento aos fãs não poderia ser de outra maneira senão com uma música intitulada “*Renascer*” (2016), onde Azagaia ressalta e agradece a solidariedade do povo moçambicano que se uniu para salvar-lhe a vida, “*Maninha, maninho, receba o vosso mano/ Obrigado a Índia por salvar um ser humano/ E ajudar a mostrar ao mundo que o moçambicano/ Em vez de guerra, deu a mão a outro moçambicano*” (AZAGAIA, 2016, *single*).

Essa breve biografia de sua carreira serviu para compreendermos melhor as experiências da trajetória profissional de Azagaia e que marcaram de alguma forma a maneira como enxerga o mundo ao seu redor, bem como os embates travados com a mídia nacional. Sua trajetória até os 10 anos, na vila de Namaacha, é desconhecida, não sendo encontrada nenhuma menção a esse período nas entrevistas selecionadas. A seguir, apresentaremos as propostas identificadas nas letras das músicas e os desafios que se colocam para sua realização.

AS PROPOSTAS DE AZAGAIA PARA SUA SOCIEDADE EVIDENCIADA NA MÚSICA RAP

Não é por acaso que um dos valores mais ressaltados por Azagaia seja a liberdade. A liberdade de se manifestar em oposição ao governo, a liberdade de expressão tão necessária para o exercício de sua atividade enquanto um artista que faz, nas suas palavras, “*música de intervenção social*” e que está, em sua maioria, a questionar os caminhos trilhados pela gestão do país desde a independência.

Na música “*Eu não paro*”, do álbum *Babalaze* (2007, faixa 3), Azagaia aborda temas como a sua trajetória, o espírito de coletividade, a repressão violenta e a política moçambicana, sendo este último tema presente em toda música. No trecho destacado a

seguir, Azagaia indica seu ponto de vista acerca de uma pseudo liberdade controlada pelo governo da Frelimo, quando um funcionário é questionado pelo chefe e este se sente no direito de perguntar se ele é filiado ao partido da “Frente da Liberdade”, como se fosse uma pré-condição para a vaga e o trabalhador ficaria inibido de acusá-lo de libertinagem: “no país do faz de conta, faz de conta a liberdade / Ok, faz a conta até onde vai a tua liberdade? / Tente acusar o seu chefe de excesso de liberdade / Quando ele tem a liberdade de perguntar / se o seu partido é da Frente da Liberdade / (Azagaia, 2007, faixa 3).

Ao analisar a letra, percebemos algumas interlocuções do *rapper* com seu público, quando questiona, por exemplo: “Ok, faz a conta de até onde vai a tua liberdade? ”, incentivando uma reflexão acerca das condições que possibilitam uma pessoa ser livre. A noção de liberdade permeia a história recente de Moçambique a começar pelas promessas de liberdade, escopo da luta anticolonial, que logo resultaram na independência, em 1975. Contudo, em seguida é colocado em prática o plano de transição para o regime socialista encabeçado pela administração do período e a eclosão da guerra civil moçambicana (1977-1992)¹⁸.

No ponto de vista do artista, a solução (e o desafio) seria as próprias pessoas desafiarem esses limites impostos pela autocensura, a qual está ligada diretamente ao nível da segurança econômica e da sobrevivência, o que não permite uma verdadeira emancipação para que a população possa exigir os direitos constitucionalmente garantidos. Azagaia entende o tamanho do problema e finaliza a entrevista dizendo: “É claro que isso não é uma coisa pacífica, porque existem muitos interesses envolvidos, mas, bom, nós não podemos parar de lutar e naturalmente, que pouco a pouco, a gente vai alcançar maior liberdade de expressão” (AZAGAIA, 2010, s.p.).

Em uma matéria publicada pelo portal Afreaka em 2014, intitulada “Azagaia - o mais influente rapper moçambicano”, afirma que, apesar do regime democrático, “a liberdade de expressão segue limitada” no país. Segundo Azagaia, existiriam “muitos obstáculos e ameaças para a livre disseminação de ideias”, principalmente, quando

¹⁸ A guerra de desestabilização, que depois se torna uma guerra civil, foi protagonizada pelo Partido da Frelimo e a RENAMO, que possuiu, inicialmente, apoio externo da África do Sul, mas logo se torna autônomo com uma agenda política própria para o país, se tornando a principal oposição à Frelimo, teve duração de dezesseis anos e cerca de um milhão de pessoas perderam a vida, em conflito direto ou devido a fome que assolou o país naquele período. Ver mais em: BARROSO (2012).

expressam indignação com a classe política (AZAGAIA, 2014). Azagaia foi intimado pela Procuradoria Geral da República de Maputo, em 2008, para prestar esclarecimentos acerca do seu trabalho, o que aponta a relevância desse artista no cenário cultural em Moçambique, tanto em virtude do conteúdo de suas músicas, quanto pela repercussão que causa.

Em outra música que compõe o mesmo álbum, “Ciclo da Censura”, Azagaia responde a essa questão, ao afirmar que: “Aprendes que liberdade só existe no dicionário/ És livre até onde vai o teu poder monetário” (Azagaia, 2007, faixa 12). E o poder monetário dos países africanos é direcionado, segundo o *rapper*, às importações de produtos industrializados do Ocidente:

Olha à tua volta, nada do que consumes produziste (não)/ Desde o carro que conduzes até a roupa que vestiste, a TV que tu adoras (um), o relógio que dá-te horas (dois)/ Até a casa onde moras não foste tu que construístes, da lâmpada ao telemóvel, do computador à aparelhagem/ Não produziste nada disto, nem participaste na montagem (Azagaia, 2007, faixa 4).

A manipulação da informação pela mídia, ao seu ver, distrai a população de questões importantes da sociedade, como saúde e educação, por exemplo. O sistema educacional seria uma ferramenta a esse serviço no qual, segundo Mendonça (2020, p. 557), o objetivo seria a aprovação a todo custo e não a valorização do processo de aprendizagem. “Enquanto isso tu aprendes a temer o professor e a tudo que ele fala responder, ‘sim senhor’” (Azagaia, 2007, faixa 12). Para Azagaia, o respeito à hierarquia ensinada em casa, como na escola, será colocada em prática no trabalho, já que as pessoas em formação aprendem, desde cedo, a temer o pai, o professor e, logo, o chefe.

E eu nem tenho as costas quentes, como andam por aí a espalhar/ Estou tão frio que a vossas contas congelar/ Mas eu não tô sozinho, tenho o povo do meu lado/ Pronto para marcharem e derrubarem FELINIGRADO” (Azagaia, faixa 3, 2007).

Outro elemento da música “Eu não paro” é o termo criado por Azagaia para se referir ao partido da Frelimo, “FELINIGRADO”, uma referência à cidade de Stalingrado, da antiga União Soviética, na qual era uma homenagem ao seu líder Joseph Stalin. A cidade da antiga União Soviética mudou de nome quando a Rússia condenou o culto à personalidade de Stalin. Por este ângulo, a comparação crítica de Azagaia seria em razão da suposta existência de um “culto” ao partido da Frelimo por parte da população.

Nelson Mandela é mobilizado como uma referência quando Azagaia aponta que a mudança da sociedade começa a partir da mudança individual, “Começa a mudar a pessoa que tu vês no espelho/ Mandela sonhou com a liberdade quando ainda era fedelho” (Azagaia, faixa 4, 2013). Na letra, o *rapper* indica uma série de posturas que se levadas em consideração pela sociedade, aos poucos, no seu ponto de vista, poderiam transformar Moçambique, “Começa em ti a mudança que tu queres para mundo” (Azagaia, faixa 4, 2013).

A mudança individual, a tomada de consciência, é constantemente incentivada em suas letras. O título desta música é objetivo neste ponto, “Começa em ti”, e a letra segue: “Mas começa em ti uma sociedade mais justa/ Mais polícia de sua própria conduta” (Azagaia, faixa 4, 2013). Azagaia entende que a mudança irá começar a partir da mudança de cada pessoa, não serão os líderes os primeiros a ter essa consciência. A luta terá que ser iniciada pelo povo, levando a um novo renascimento: “Começa em ti, tu não és pequeno demais para a briga/ O problema é que tu só brigas para encher a barriga/ E continuas com a cabeça vazia/ É hora de renascer, bem-vindo ao Cubaliwa” (Azagaia, faixa 4, 2013).

Em uma das entrevistas analisadas, Azagaia afirma que percebeu uma “falha em seu discurso” ao analisar a sociedade moçambicana por meio da música RAP (AZAGAIA, 2013). Seu primeiro álbum solo, Babalaze (2007), questionou muito a classe política, apontando as desigualdades sociais e as polêmicas em torno dos dirigentes do país. Entretanto, pôde refletir melhor e enxergou que os políticos são frutos da sociedade, eles são oriundos da sociedade e que, portanto, sua atenção, no seu segundo álbum, Cubaliwa (2013), a mensagem seria para as pessoas comuns, mais especificamente para a juventude moçambicana que no futuro irá assumir a gestão do país. É para esses jovens que Azagaia têm direcionado sua mensagem, “não adianta bancar a vítima/ faz antes uma autocrítica” (Azagaia, faixa 4, 2007). A fim de colocar um ponto final no discurso de vítima – sem se esquecer das mazelas infligidas ao continente no decorrer da modernidade – declara que esperar que os problemas se resolvam, ou então, colocar a culpa em terceiros não trará melhorias na vida das pessoas. É preciso lutar pelos direitos previstos na Constituição.

Para essa juventude (dentro da qual o próprio artista se enquadra) que o artista produziu a música “A Minha Geração” (Azagaia, faixa 13, 2013). Expõe sua

perspectiva de que “é uma geração que tem os pés no chão, porque é formada por gente que todos os dias tem que se deparar com as dificuldades da vida” (AZAGAIA, 2011, s.p.). No lançamento do videoclipe desta música, em 2011, um episódio gerou polêmica e repercutiu na mídia envolvendo o *rapper*. Quando estava a caminho do local de lançamento, o carro em que estava foi parado pela polícia e Azagaia, juntamente com mais dois acompanhantes, acabaram detidos por 48 horas por porte de *suruma*. Apesar da substância estar em posse de quem o acompanhava na ocasião, o nome de Azagaia tomou os noticiários no país. Em sua visão, uma tentativa de “queimar” a sua imagem diante do seu público.

Esses e outros episódios, negativos à primeira vista, resultaram em uma maior notoriedade para o seu trabalho. Nascido em 1984, a geração de que faz parte viveu o período de transição do regime político moçambicano de uma concepção socialista adotada em 1975 e orientada pela corrente marxista-leninista, adotada logo após a independência, para uma concepção democrática liberal em 1990, dando abertura à iniciativa do livre mercado na economia do país. Portanto, a sua geração não viveu o período da luta revolucionária, o tempo de Samora Machel e os valores do socialismo da época, apenas ouviram relatos. Azagaia é da geração que viveu o período de transição dos regimes políticos, como explicado anteriormente.

A ideia de verdade é muito presente em toda sua produção. Azagaia se coloca como sendo do “partido da verdade, sem lugar no parlamento” (Azagaia, faixa 3, 2007), passando a impressão de que os partidos políticos que estão no parlamento são mentirosos. Para o *rapper*, falar a verdade em Moçambique é “um ato de coragem, de justiça, de liberdade”, é exercer, de alguma maneira, “a democracia que acreditamos que existe”¹⁹.

É um exercício de transparência, politicamente falando, é uma ferramenta para exercermos a democracia, valorizar e deixar que seja ouvida a opinião da maioria, o que o povo diz e o que o povo sente. É essa verdade que queremos que seja cada vez mais dita e ouvida (Ibidem)

Falar a verdade, no seu pensar, é “quebrar um pouco com a tradição” e explica que:

Porque aqui as vezes a verdade choca as figuras do poder. Para eles o mais importante seria obedecer às palavras dos mais velhos, dos mais poderosos, dos chefes. Dizer a verdade quebra um pouco com isso.

¹⁹ Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/azagaia-palavras-certeiras> acessado em 08/08/2021.

Ainda mais nos dias de hoje, uma vez que as pessoas que estão no poder ocultam muito a verdade como uma forma de fazer a manutenção deste poder. (Ibidem)

Seu pensamento é constantemente desqualificado e censurado pelos meios de comunicação, exatamente por expor sua opinião na qual confronta o Governo. Novamente surge a hipótese da “censura indireta” que está diretamente ligada à segurança econômica, como citado anteriormente.

Em entrevista, Azagaia explica que mesmo uma empresa privada, se estiver ligada ao governo, irá cuidar com o tom de crítica a esse mesmo governo com receio de serem prejudicadas de alguma maneira. Para Azagaia, o sistema está sempre a dar recado.

“Não é que a polícia vai bater à sua porta, porque tu disseste isto ou aquilo, mas é essencialmente por causa da segurança econômica. A maior parte dos empregos em Moçambique estão ligados ao poder, ao governo, não é, mesmo os privados. Então, de alguma forma as pessoas têm medo de dizer aquilo que pensam, porque podem perder essa segurança, a segurança econômica que tem, às vezes é pouco, mas vale o pouco do que não ter nada. (...) as privadas selecionam menos, mas mesmo assim, tanto, esses canais públicos, como privados devem alguma explicação ao poder” (AZAGAIA, 2010, *transcrição nossa*).

“Mas tu vives uma mentira/ Em África não há economia/ Como pode ter economia/ Uma raça que só consome/ Tudo que os outros produzem desde o que veste ao que come/ Da religião a cultura até ao teu próprio nome” (Azagaia, faixa 4, 2007). Nessa música intitulada “As Mentiras”, Azagaia aborda temas como: consumo, neocolonialismo, história da África e identidade (MENDONÇA, 2020, p. 265). A letra da música evidencia situações controversas como as destacadas acima, e como há resquícios da lógica colonial presentes na sociedade, os quais interferem na transformação das identidades locais, bem como na manutenção da dependência econômica, referenciada no início deste capítulo. Ademais, Azagaia retoma a ideia de uma “falsa” independência adquirida pelos países africanos, em razão da robusta conexão econômica e cultural com o Ocidente, como expressado no refrão da música: “É mentira!/ Que tu és independente, que levas pra frente o teu continente/ É mentira!/ Tu não quebraste a corrente, não passas de um escravo inconsciente” (Azagaia, faixa 4, 2007).

Outra ideia constante em suas músicas é a identidade nacional enquanto moçambicano (a), em especial no sentido de uma consciência nacional para formar a almejada unidade nacional, não um nacionalismo obcecado pelo Estado que resulta em

xenofobia. Algo muito próximo do que almejava Samora Machel no pós-independência, a criação do “homem novo” em Moçambique: “De moçambicanos pra moçambicanos este é o compromisso. Eu compro isso e espero que vocês comprem também” (Azagaia, faixa 14, 2007). Azagaia incentiva e explica seu ponto de vista sobre essa questão: “Eu explico: o capital circula dentro d'um ciclo/ E só comprando o que é nosso, nós fechamos o ciclo/ E o capital volta pra nós, porque investimos em nós/ Por nós e para nós, torna o país mais rico” (Azagaia, faixa 14, 2007).

Azagaia apresenta uma reflexão contundente acerca do desenvolvimento da economia interna, a começar pelos líderes dirigentes em acreditar na capacidade de cada cidadão para fomentar a economia seja abrindo um negócio ou adquirindo um produto de fabricação nacional. O artista ressalta: “Vamos gerir o nosso negócio, venda a grosso ou a retalho/ De material do que é nosso, nosso suor, nosso trabalho (sim) ” (Azagaia, faixa 14, 2007). Nesse sentido, acreditar na capacidade da população é capacitar as pessoas fornecendo educação de qualidade:

São, ou não são jovens seiva da nação/ Vamos formá-los em engenharia, não só em gestão/ Não, como é que queremos transformar o nosso petróleo/ Se é difícil de encontrar um químico ou um geólogo/ Interessa-nos formar mais políticos mentirosos/ Ou gente capacitado para produzir o que é nosso? (Azagaia, faixa 14, 2007)

A juventude moçambicana deve ser formada para além dos cargos de gestão. Segundo Azagaia, torna-se complicado encontrar pessoas capacitadas para a indústria em Moçambique, haja vista a inexistência de incentivo por parte do governo, o que resulta em uma “fuga de cérebros”. No seu entendimento, o governo poderia investir em indústrias de petróleo e gás natural, recursos naturais em abundância no país e de interesse internacional. Recentemente, foram descobertas reservas de gás natural na província de Cabo Delgado, na bacia do rio Rovuma, ao Sul de Moçambique (REDAÇÃO, 2021).

Em continuação à sua análise, o *rapper* infere: “E as nossas rádios e televisões, que mostram mais isso/ De moçambicanos pra moçambicanos este é o compromisso/ Eu compro isso e espero que vocês comprem também/ Porque importar programação se fazê-mo-la bem” (Azagaia, faixa 14, 2007). A valorização do que é nacional deveria começar por cima, pelos líderes do país, mas se eles não o fazem. Cada cidadão deveria valorizar a produção interna, bem como as emissoras de televisão que reproduzem a programação de outros países, inclusive do Brasil, ao invés de incentivar a produção cultural local.

Chega de acreditar em mentiras e transformá-las em verdades/ E ficar a assistir este festival de contrastes/ Usa os braços que cruzaste/ E as pernas que dobraste/ Ficas aí sentado, tás à espera de milagres?/ Eu quero que te largues e caminhes como um líder/ Sejas de Centro, Norte ou Sul de Moçambique/ Aprenda com o Fidel que o inimigo tá lá fora/ E quer o teu gás, tua energia de Cahora (Azagaia, faixa 14, 2007)

O corpo em movimento é representado também na música “As Verdades”. A tomada de consciência por parte da população é o que irá fazer com que as pessoas caminhem como líderes, em sua perspectiva. A barragem de Cahora foi construída durante a colonização portuguesa e se tornou uma importante obra de infraestrutura para o país, mas também importante foco de polêmicas e suspeitas de corrupção em torno de sua existência. A letra indica ainda a existência de traidores entre as elites dentro do país, que entregam as riquezas naturais ao mesmo tempo que dizem não haver riquezas, e a culpa do baixo desenvolvimento acaba por recair sobre as guerras que ocorreram no passado.

Em grande parte de suas músicas, Azagaia procura incentivar as pessoas a dar mais atenção para os problemas sociais que muitas vezes estão distantes de quem mora na capital, Maputo, outras vezes, muito próximos para quem reside no interior do país. A manifestação popular já teve seus efeitos positivos em obrigar o governo a voltar atrás em decisões unilaterais que aumentariam o custo de vida da população. Em 2008, uma revolta popular tomou as ruas da capital e outras províncias ao redor, em razão do anúncio do governo de que o preço da gasolina iria aumentar, elevando o custo do transporte coletivo no país. “Pondera tu, antes de fazeres a merda/ De subires o custo de vida/ E manteres baixa a nossa renda” (Azagaia, *single*, 2008).

Azagaia inconformado com a situação, seja pelo aumento do custo de vida ou pela repressão violenta por parte do Estado, poucos dias após o ocorrido lançou a música “Povo no Poder” (Azagaia, *single*, 2008). A letra da música narra os acontecimentos que levaram a população a se revoltar, expõe os problemas que assolam a população, como também denuncia a postura dos políticos que não planejam direito as decisões e não ponderam as consequências para a população. A grande Maputo é uma região que abrange a capital do país do mesmo nome e a cidade satélite de Matola, uma área metropolitana com cerca de dois milhões de habitantes.

É nesse espaço territorial que em fevereiro de 2008 se iniciaram as revoltas populares em reação ao aumento da tarifa do transporte público, popularmente chamado de chapa, utilizado por grande parte da população. O aumento anunciado pelo governo

foi de 50% para trajetos curtos e de 33% para trajetos longos, o que representa um aumento real de 5 para 7,5 meticais e de 7,5 para 10 meticais, respectivamente. Esse aumento no preço do transporte é relevante ao se constatar, segundo Hernández (2014), que para a população maputense estar em movimento, fazer circular bens e pessoas, corresponde à sobrevivência do cotidiano. Portanto, “o gasto em transporte público é considerado um dos mais problemáticos depois dos gastos em alimentação e educação” (HERNÁNDEZ, 2014, p. 207). Mensagens de textos com origem desconhecida circularam pelos celulares convocando a mobilização para a “greve” no dia em que as medidas entrassem em vigor. Uma dessas mensagens dizia o seguinte:

O povo está a sofrer, os filhos de ministros, deputados e outros dignatários não andam de chapa e os chapas estão caros. No dia 5 ninguém deve apanhar chapa, ninguém deve trabalhar. Vamos fazer greve e exigir justiça camaradas, envie para outros, seja unido na luta contra a pobreza (SMS, 2008 apud HERNÁNDEZ, 2014, p. 207).

Erguendo barricadas com pneus queimados na via pública, a população paralisou o transporte público e as principais vias de acesso rodoviário a Maputo. Saques em comércios e carros depredados fizeram com que a reação violenta da polícia provocasse ao menos seis feridos e uma morte não confirmada pelas autoridades.

Segundo o blog Macua (2008), de autoria de Fernando Gil, as mídias públicas e privadas do país foram orientadas a não cobrir as manifestações. Em setembro de 2010, Maputo foi palco de outra revolta com proporções ainda maiores que a anterior. Além do transporte, o aumento agora era sobre as tarifas de eletricidade, água, o pão e outros produtos de primeira necessidade para a população. De acordo com as experiências de um passado ainda recente, a convocação para a “greve” foi feita por meio de mensagens de texto que circularam nos celulares:

Moçambicano, chegou a hora da VIRAGEM dentro de 24 horas. O dia da GREVE 01/09/10 onde vamos reivindicar a subida do custo da energia, água, xapa e pão. Envie para outros. Despertem irmãos senão é o nosso fim, é hora de VIRAGEM [...]. (SMS, 2010 apud HERNÁNDEZ, 2014, p. 209).

O conflito da população com a polícia, dessa vez, resultou em um total de 13 vítimas fatais e mais de 500 feridos. O ministro do interior à época chegou a classificar os manifestantes como “aventureiros, bandidos e malfeitores”. A revolta popular surtiu efeito novamente, acuando pela população. O governo realizou uma reunião de emergência com seu conselho de ministros e decidiu voltar atrás, pela segunda vez, com as medidas econômicas.

Escrita e lançada poucos dias após as revoltas populares de fevereiro de 2008, a letra de “Povo no Poder” procura representar as possíveis motivações que levaram o povo a se rebelar contra o governo. Ao som de trovoadas e chuva no fundo, a introdução da canção é carregada de termos que visam representar a realidade, como por exemplo, “ladrões” e “corruptos”, compondo uma referência direta aos políticos e ministros ao mesmo tempo que se escutam os ecos da população. Convocada por Azagaia, a população grita: “Fora! ”: “Já não caímos na velha história (Fora!) / Saímos para combater a escória (Fora!) / Ladrões (Fora!) / Corruptos (Fora!) / Gritem comigo para essa gente ir embora (Fora!) / Gritem comigo pois o povo já não chora (Fora!) ” (Azagaia, *single*, 2008).

O cenário no qual se passa a narrativa é logo confirmado após a introdução, na primeira frase consta, “Isso é Maputo, ninguém sabe bem como/o povo que ontem dormia hoje perdeu o sono” (Azagaia, *single*, 2008). Nesse momento, o som de chuva que estava ao fundo desde o início é interrompido, dando início a batida característica do RAP. Após a introdução, Azagaia deixa explícito seu ponto de vista relativo ao que motivou a revolta popular, o “salário mísero” fez com que “o povo saísse de casa” (Azagaia, *single*, 2008). Outros sons são utilizados na música com intenção de representar a realidade, no momento que é dita a frase: “Tudo por causa desse vosso salário mísero/o povo sai de casa e atira para o primeiro vidro” (Azagaia, *single*, 2008), ao fundo se escuta o som de vidro quebrando.

No aspecto estrutural da música, observou-se o som de trovoadas, chuva e o de vidro quebrando por dois vieses: o primeiro, objetivista, no qual esses sons tiveram como função um “efeito de realidade” quando se cria essa aproximação por meio do registro técnico do real, a gravação do som de trovoadas, chuva e vidro quebrando. O outro viés, seria subjetivista, no qual a função desses sons seria de acordo com a fruição de cada ouvinte (NAPOLITANO, 2006). No Brasil, a expressão “o tempo fechou” é utilizada quando o tempo muda e está para chover ou, então, quando uma briga/confusão aconteceu ou está para acontecer. Eventualmente, essa expressão pode existir em Moçambique, mas não foi possível confirmar esta hipótese, no entanto seria uma forma de interpretar, de forma subjetiva, o som de trovoadas e de chuva da introdução.

O “dedo em riste” de Azagaia, nesta letra, rendeu uma intimação à Procuradoria da República da Cidade de Maputo para responder algumas perguntas no mesmo ano de lançamento. Segundo entrevista ao semanário Savana, em maio do mesmo ano, Azagaia afirma que “quiseram saber se algumas passagens da letra ‘Povo no Poder’ incitam ou não à violência”. Sua advogada alegou que a música foi composta após os protestos do dia 05 de fevereiro, e que depois da publicação não houveram mais revoltas. A letra escrita pelo *rapper* menciona um acontecimento real, descreve e representa uma situação a partir dos elementos que desencadearam a revolta da população, não o contrário.

Em 2010, a história acontece novamente. Um novo aumento de preço elevaria o custo de vida e novamente as pessoas se organizaram e se manifestaram nas vias públicas. Nas duas ocasiões o governo agiu com violência contra os manifestantes, houve muitas mortes e feridos. Alguns meios de comunicação atribuem ao evento de 2010 em níveis de violência, só superados pela guerra civil moçambicana, que chegou ao fim em 1992.

Sr. Presidente, largaste o luxo do teu palácio/ Finalmente apercebeste que a vida aqui não está fácil/ E só agora é que reúne esse conselho de ministros/ O povo nem dormiu, já estamos a muitos reunidos/ Barricamos as estradas, paralisamos esses chapas/ Aqui ninguém passa, até as lojas estão fechadas/ Se a polícia é violenta, respondemos com violência (*o quê?*)/ Muda a causa para mudares a consequência. (Azagaia, *single*, 2008)

Nas duas últimas estrofes, Azagaia aparenta fazer uma advertência direta ao governo. Caso a “governança irracional” permaneça, ele aponta para prováveis alvos de revoltas futuras, como colocar fogo em bombas de gasolina, assaltar as padarias e os ministérios, destruir os bancos e as mineradoras, que, conforme o senso popular, pertencem aos políticos do país²⁰. Esse acaso pode ter sido um fator pontual para sua intimação à Procuradoria da República. Na entrevista à rádio Red Bull, Azagaia comenta tal episódio, “grave não foi o que eu fiz, foi o que aconteceu antes! Os temas que estou a apontar os dedos para o governo ou a chamar a responsabilidade deles, que chama mais atenção das pessoas” (AZAGAIA, 2018, s.p.)²¹. Ele também pondera a respeito de que “as pessoas precisam aprender a descobrir a sabedoria em tudo, em tudo que observam. Não podemos esperar que sejam os artistas ou escritores a dizerem as coisas” (AZAGAIA, 2018, s.p.).

²⁰ Segundo a fala de uma senhora no bairro de Inhagoia, “As empresas são deles, as lojas são deles, as padarias são deles, tudo é deles. E nós, que não temos nada? ”, ver Hernández (2014, p.209).

²¹ A transcrição do áudio da entrevista foi feita pelo autor da presente pesquisa.

Ao construir essa narrativa, Azagaia “imprime no texto marcas com as quais pretende construir a personagem na mente dos leitores/ouvintes.” (MOTTA apud MOREIRA, 2019, p. 149). O “povo” é um personagem homogêneo em sua história construído na terceira pessoa do singular. Entretanto, o rapper se coloca como parte desse “povo homogêneo” ao utilizar o tempo verbal na segunda pessoa do plural na introdução da canção. O governo também é um personagem construído na narrativa e que aparece na última estrofe sendo precavido de que “tenham aprendido a lição” dada pela população e que “não esperem pela próxima”, não. A música é uma mensagem aos personagens representados na narrativa bem como para a população e o governo.

A não ser que queria fogo nas bombas de gasolina/ Assaltos a padarias, ministérios, imagina/ Destruir vossos bancos comerciais, a vossa mina/ Governação irracional parece que contamina./ Tenham aprendido a lição/ E não esperem pela próxima/ Aviso-vos meus senhores que terão pela próxima. (Azagaia, *single*, 2008)

A repressão da política em relação à população revoltosa resultou em muitos feridos e uma morte em 2008, entretanto em 2010, foram cerca de 13 mortos e mais outros tantos feridos. As consequências da inversão em que as democracias liberais atualmente se encontram ao praticarem “hábitos de exceção”, empreenderem ações incondicionadas e a exercerem uma ditadura contra sua população e contra seus inimigos. Tais fatores são as reminiscências da colonização, na qual havia uma cultura política da inimizade e que foram acumulados e resultaram nas bases das democracias liberais no tempo presente, onde a guerra se torna um antídoto que contém em sua fórmula o próprio veneno (MBEMBE, 2017).

A memória é incorporada e invocada através dos sentidos. Essa invocação acontece por meio de estruturas mentais a partir das quais as memórias se identificam por um tipo de mapeamento fornecido pelos grupos sociais dominantes. O que recordamos está situado dentro dos espaços mentais fornecidos pelo grupo e também “se reportam a espaços materiais ocupados por determinados grupos sociais” (CONNERTON apud TAYLOR, 2013, p. 129). Não podemos recordar algo que escapa aos nossos sentidos, ou que desconhecemos a existência. Só é possível lembrar do que vivemos “ao vivo” através dos sentidos, conduzidos pela cultura na qual estamos imersos.

O corpo é percebido como um receptor, depósito e transmissor de conhecimento que vem do arquivo e do repertório do conhecimento incorporado. A memória cultural é um procedimento de imaginação e interconexão, na qual interliga as práticas sociais aos

eventos individuais. Segundo Antonacci (2013, p. 333), “memórias ancoradas em experiências dos que só tem no corpo e em suas formas de comunicação, heranças de seus antepassados e marcas de sua história”. O RAP, como já foi dito, surge *na e da* experiência diaspórica de homens e mulheres de África levadas para a região das Américas pelo tráfico atlântico. Emerge da experiência jamaicana para os Estados Unidos, tomando forma por meio das experiências, resistências e resiliências das populações afro-americanas e ressurgem no continente africano na voz de muitos artistas que aderiram a essa forma de arte para se expressar. Nas palavras de Azagaia: “nós cantamos no mundo, sempre tem influências, só que nós temos que saber traduzir isso para nossa realidade” (AZAGAIA, 2018, s.p.).

A realidade representada pela perspectiva narrada por Azagaia é a de um passado ainda presente, assombrado pela corrupção política que se mantém desde as lutas de libertação, quando Moçambique se torna uma república democrática. Nesse sentido, segundo Mbembe (2017), algumas características do nosso tempo representam paradigmas em transformação, com críticas aos fenômenos capitalistas e a militarização globalizada que resultam na saída da democracia, o autor aponta as bases na qual está sustentada a democracia liberal e o capitalismo, ou seja, na lógica da inimizade que opera em ambos os regimes e que tem como pressupostos ideológicos a servidão, o racismo, o imperialismo e o colonialismo.

A ideia de “estar em marcha” é novamente destacada em sua produção na música “A Marcha”, onde podemos identificar uma série de perspectivas do *rapper* para transformação da sociedade moçambicana, mas que serviriam para outros países africanos. Entendemos essa perspectiva enquanto permeada por sua visão de mundo, a partir de sua experiência de cidadão moçambicano que está atento às questões nacionais e internacionais, que dizem respeito também ao continente africano.

Mudem o modo de governar, ou então mudem o governo/ É que nem o Império de Gaza foi eterno/ Vamos mudar a nossa estratégia de luta/ Se os ricos roubam os pobres, vamos combater a riqueza absoluta/ E se há salário mínimo, que haja salário máximo/ Pra cada cidadão um cargo de chefia no máximo. /E a Constituição da República, que seja distribuída/ Nas escolas, nas Igrejas, divulgadas pelas mídias/ Abaixo o pacifismo vamos andar de cabeça erguida/ Nem que pra isso tenhamos que sacrificar alguma vida. (Azagaia, faixa 15, 2007)

Na visão de Azagaia, o combate à pobreza deve começar pelo combate ao enriquecimento ao estabelecer um teto salarial para servidores públicos de modo geral e que seja revisada a política de incentivo ao livre mercado ao criar subsídios para

empresas se estabelecerem no país, em determinados casos, para explorar os recursos naturais em detrimento dos interesses da população que reside nessas áreas de interesse corporativo. Ao questionar o porquê de os dirigentes serem tão ricos em um país pobre, reflete uma outra questão: Moçambique é um país pobre? Quais são os parâmetros econômicos do país em relação aos seus vizinhos na África Austral? A África do Sul é um caso à parte nesta reflexão porque possui um dos maiores PIB do continente.

Azagaia sugere a alternância no poder caso a forma de administrar o país não mude e faz isso referenciando o passado, ao mencionar o Império de Gaza, que no final do século XIX resistiu por muito tempo às tentativas de conquista de Portugal, porém acabou derrotado. A estratégia da luta popular, no seu ponto de vista, deve ter como foco o “combate a riqueza absoluta” e o cidadão deve ter apenas um cargo de chefia, sem acúmulo de função e salários. Conhecer a Constituição é fundamental para que cada pessoa tenha conhecimento dos seus direitos e deveres. Portanto, no seu entendimento, deveria existir um programa de incentivo por parte do governo, em distribuir exemplares da Constituição em escolas e igrejas, e ainda, uma maior divulgação nos meios de comunicação no país.

Para combatermos a pobreza vamos combater o enriquecimento/ Baixe o salário dos deputados, diretores e ministros/ E essas regalias de mercedes e subsídios/ É tanto luxo, no meio do desemprego e do lixo/ Porque é que em um país tão pobre os dirigentes são tão ricos? (Azagaia, faixa 15, 2007)

Uma movimentação desse tipo, talvez, incentive a população a tomar consciência da necessidade de ação, seja em oposição ao governo ou exigindo seus direitos, que são muitas vezes colocados em segundo ou terceiro plano pela classe política. A informação gera a ação e o pacifismo latente na sociedade, na leitura do *rapper*, talvez fosse esquecido por algum momento.

A proposta mais direta de Azagaia está na música intitulada “Revolução Já! ” (Azagaia, faixa 9, 2013), como o próprio título sugere. Essa revolução não é apenas para Moçambique, mas para todo continente africano. A dependência externa é uma realidade em muitos países do continente. ONGs e organizações financeiras são as fomentadoras desses auxílios que os líderes dos países menos desenvolvidos recebem de forma positiva devido ao dinheiro que entra, provenientes dessas organizações, e continuam: “Vendendo o continente mantendo a juventude burra/ Bêbada e inconsciente, a revolução é lúcida, atenta e exigente/ Permanente, até vivermos numa África independente” (Azagaia, faixa 9, 2013).

O neocolonialismo, caracterizado pela tomada das decisões políticas pelos “de fora” (GASPARETTO, 2019, p.86), é abordado nas músicas “Revolução Já!” (2013, faixa 9) e “País do Medo” (2013, faixa 10), em parceria com outros dois MC’s, MCK de Angola e Valete, de Portugal. A letra desta última é uma crítica direta ao modelo de desenvolvimento extrativista adotado por Moçambique nos últimos anos.

Moçambique!/ Páginas de jornal, notícias de riqueza nacional/ Temos carvão, temos petróleo, temos gás natural/ Afinal, Moçambique não é só um paraíso fiscal/ A VALE e a MOZAL fazem turismo mineral (...)
Em linhas gerais ninguém podia sonhar com mais/ A pérola do índico agora é pérola do gás/ Do carvão, do petróleo e do interesse dos demais (AZAGAIA, 2013, faixa 10).

Em “Revolução Já” (2013, faixa 9), o *rapper* é pontual ao apontar as causas do atraso social em que se vive a população moçambicana. Ajuda externa que mantém a dependência dos países africanos no qual seus líderes se beneficiaram do dinheiro que entra, mas não é aplicado devidamente para o bem-estar da população.

E não me admira a doença que mata a nossa economia/ Pouco sangue nacional, padecemos de leucemia/ E não adianta investir em soluções, aspirina/ Quando voltar a dor de cabeça, vais pedir a guilhotina/ FMI's induzem-nos a falsa democracia/ Dão tanto poder por tanto tempo a uma minoria/ Resulta em guerras de etnia contra etnia/ Os pais da psicologia não sabem que o poder vicia? (Revolução Já, 2013, faixa 9).

Apesar das riquezas em recursos naturais e humanos, grande parte dos países do continente africano vivem uma situação aviltante de desigualdade social no tempo presente. Um dos grandes teóricos das lutas de libertação, Amílcar Cabral atribui especial atenção aos meios de produção e a cultura, que deveriam ser observados com maior precaução após a independência. A religião cristã foi a principal ferramenta de aproximação à população autóctone, tanto nas Áfricas como nas Américas. A educação escolar ocidental foi outra ferramenta de dominação utilizada durante a colonização e que continua a moldar as culturas com a forma ocidental das práticas do conhecimento, como bem demonstrado no documentário *Escolarizando o Mundo*, que aponta esta responsabilidade ao programa do Banco Mundial, denominado “Educação para Todos”.

A interferência da cultura ocidental, que já havia sido tema de uma entrevista de 2007, causaria “confusão na cabeça dos jovens”, na opinião do *rapper*. Ainda que ele próprio tenha bebido dessa fonte, ele explica que esses jovens já não saberiam “ser moçambicanos”, haviam “perdido” suas identidades. A educação escolar segue o modelo ocidental, prossegue Azagaia, ela “produz alunos que concluem o ensino

primário sem saberem ler e escrever corretamente”²². Em 2018, o artista afirma em entrevista para a DW África que “Azagaia era o nome ideal” para esse combate às desigualdades sociais do seu país. No seu ponto de vista, deve-se aumentar o foco na educação das mulheres, porque são as primeiras educadoras das crianças, então, “se a mulher for melhor educada, a probabilidade de termos gerações com mais conhecimento no futuro, é maior”²³.

Mesmo havendo problemas em relação à educação nos moldes ocidentais em culturas não ocidentalizadas, ela ainda é uma maneira de se adquirir melhores condições de vida em países que foram ocidentalizados pela colonização europeia. Na música “Wa Gaia” (Azagaia, faixa 8, 2013), a perspectiva de Azagaia é a de que todas as pessoas possuem capacidades, pois enquanto seres humanos todas as pessoas são dotadas das mesmas habilidades. O que não ocorre é o aprimoramento dessas habilidades de forma igualitária, as oportunidades irão se definir de acordo com as condições de vida de cada pessoa. Ele ressalta que, mesmo havendo dificuldades na sobrevivência diária, no contexto em que está inserido, manter a dignidade é muito importante. E reforça a ideia de que a cor da pele nunca foi o mais importante. Em consonância com Mbembe, em seu livro “Crítica da Razão Negra” (2015), Azagaia indica ser necessária a superação do estigma da cor que aprisiona as pessoas de origem africana pelo mundo.

A vida é muito mais do que ler e escrever/ Lição número um, chama-se igualdade/ Não és mais do que ninguém porque nasceste na cidade/ Nem todas crianças têm oportunidade, mas todos têm capacidade/ Isso chama-se dignidade/ Mais importante nunca foi a cor da pele (Azagaia, faixa 8, 2013)

São duas as músicas consideradas como temas centrais a tomada de consciência de cada pessoa, “Começa em Ti” (Cubaliwa, 2013, faixa 4) e “Wa Gaia” (Cubaliwa, 2013, faixa 8). Nessas duas letras, Azagaia procurou orientar seus fãs em como se comportar diante dos desafios e dilemas da vida. Na primeira, o próprio título em si já é um conselho, em alguns casos, uma mudança de postura diante das situações diárias podem alterar o rumo das coisas. Sem esquecer das estruturas sociais que alicerçam as relações, Azagaia pede o fim do “discurso de assimilado”, um discurso que para ele é de “coitado”. A revolução particular de cada pessoa irá transformar a sociedade, essa é a proposta da letra e como exemplo maior de mudança pessoal, novamente, a figura de

²² Entrevista disponível em: <https://oficinadesociologia.blogspot.com/2007/11/azagaia-2-biografia-e-entrevista.html> acessado em 08/08/2021.

²³ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/azagaia-em-riste-por-um-mo%C3%A7ambique-melhor/av-46773917> acessado em 08/08/2021.

Nelson Mandela é evocada, “Começa a mudar a pessoa que tu vês no espelho/ Mandela sonhou com a liberdade quando ainda era fedelho” (AZAGAIA, 2013, faixa 4).

O refrão da música é cantado em português por Júlia Duarte. É bastante comum Azagaia fazer parcerias com cantoras para o refrão ou participação em suas músicas. A letra segue de forma bastante crítica ao afirmar que “Toda gente quer mudança, mas ninguém muda/ De noite a gente dança, de dia critica música” (Começa em Ti, 2013, faixa 4). É possível destacarmos três questionamentos nessa letra, o primeiro acerca da corrupção, “Corruptos vão para as celas e para onde vão os corruptores? ”, a segunda tem a ver com questões de saúde, “Pensa por um momento HIV é o problema ou problema é o comportamento? ” e a terceira aborda a educação, “Como falar em educação, se jovens não leem livros? ”. Corrupção, saúde pública e educação, são três temas que o rapper busca, com a sua arte, conscientizar as pessoas em sua sociedade, à juventude a se cuidar em relação às doenças sexualmente transmissíveis e a ler, a busca pelo conhecimento deve ser instigada na juventude, assim como foi com ele, “É hora de renascer, bem-vindo ao Cubaliwa! ” (AZAGAIA, 2013, faixa 4).

Em “Wa Gaia” (2013, faixa 8), que significa “em casa” em língua sena, a letra é uma narrativa que procura orientar uma pessoa inocente a sobreviver de maneira digna no mundo, assim como o título, o refrão também é em língua sena e cantando por Stewart Sukuma. As lições são sobre igualdade, capacidade, dignidade e vaidade. Ao final da letra, Azagaia é certo, “Agora faz a tua parte/ Tens que ser artista, viver é a tua arte” (AZAGAIA, 2013, faixa 8).

A censura na qual Azagaia é frequentemente confrontado tem relação com os temas que aborda em suas músicas, alguns eventos que marcaram a história recente do país, no qual resultaram em vários traumas na sociedade, como o acidente de avião que causou a morte do primeiro presidente Samora Machel, ou a transição do regime socialista para o capitalista, a exploração dos recursos naturais, as guerras, anticolonial e civil, que deixaram marcas de violência na memória das pessoas e as revoltas populares, onde pessoas foram mortas devido a repressão por parte do Estado. Disseminar reflexões sobre esses assuntos vai na contramão dos interesses de pessoas poderosas no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do que foi exposto neste capítulo, as propostas de Azagaia para transformação da sua sociedade em uma sociedade menos desigual, com uma melhor qualidade de vida para a população em geral, perpassa o livre exercício da liberdade de expressão, a tomada de consciência das pessoas acerca dos desafios e problemas enfrentados pelo país, a capacitação das pessoas através de uma educação de qualidade do nível escolar ao superior em áreas do conhecimento diversas que fomentam a indústria nacional, alavancando a economia interna, e a valorização do que é produzido em Moçambique, por moçambicanos de todas as etnias.

A unidade nacional por meio da identidade moçambicana, construída historicamente sobre muitas violências e conflitos de interesses, mas que, sobretudo, na atualidade, é o que constitui a nação moçambicana dentro das concepções modernas de estado. Percebemos que as novas práticas sociais que foram impostas com a independência, para construção do “homem novo” de Moçambique, ainda permeia o pensamento desse artista ao procurar conscientizar seu público acerca de novas condutas, uma nova postura diante da realidade moçambicana, exposta brevemente neste capítulo. Algumas práticas repressivas por parte do Estado ressoam do passado colonial a partir do colonialismo português atravessando o período de transição do regime colonial para o socialista, com a eclosão da guerra civil, bem como, na atualidade, com a consolidação do Estado de Direito Democrático, contra a manifestação popular contrárias aos interesses do poder vigente, como nas manifestações de 2008 e 2010.

Azagaia procura atribuir sentido e significados ao passado recente de Moçambique, incentivando a população, assim como fizeram os revolucionários durante o período colonial, a tomar consciência da luta necessária, e constante, para a manutenção da liberdade e melhores condições de sobrevivência, porque é disso que se trata, é sobre a vida das pessoas. É importante ressaltar que não se trata de desconsiderar as contribuições do eurocentrismo à história da humanidade, mas de estabelecer novos horizontes para a produção do conhecimento histórico que não tenha apenas como referência os pressupostos deste paradigma como partida e chegada para uma determinada concepção de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZAGAIA. **Babalaze**. Maputo: Cotonete Records, 2007.

AZAGAIA. Azagaia (2) (biografia e entrevista). [Entrevista cedida a] Carlos Serra. **Diário de um sociólogo**, Maputo, 05 nov. 2007. Disponível em: <https://oficinasociologia.blogspot.com/search?q=Azagaia+biografia+e+entrevista> Acesso em: 17/02/2021.

AZAGAIA. Azagaia: Sobre a Liberdade de Expressão em Moçambique. [Entrevista cedida a] FREEMUSE. **Freemuse**, Copenhagen, Dinamarca, ago. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVsyhpgtYc> Acesso em: 06/03/2021.

AZAGAIA. Azagaia: o mais influente rapper moambicano. [Entrevista cedida a] Jean Gustavo. **Afreaka**, Moçambique, 2014. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/azagaia-o-mais-influente-rapper-mocambicano/> Acesso em: 06/03/2021.

AZAGAIA. Quando a palavra fere mais que a lança, entrevista a Azagaia. [Entrevista cedida a] Juliana Borges. **Buala**, Maputo, 24 ago. 2011. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/quando-a-palavra-fere-mais-que-a-lanca-entrevista-a-azagaia> Acesso em: 03/02/2021.

AZAGAIA. **Cubaliwa**. Maputo, 2013.

AZAGAIA. Entrevista de Azagaia na Red Bull Radio (Lisboa). [Entrevista cedida a] Eva Rap Diva. Publicado no canal **Cenas do Rap Luso**, Moçambique, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AEGy_HyDotg&t=137s Acesso em: 06/03/2021.

AZAGAIA. **Maçonaria (feat. Banda Likute & Guto)**. [S. l.: s. n.], 2013a. 1 vídeo (6 min 14 seg.). Publicado pelo canal Yuvanio da Silva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=75pDkjPjlsI> Acesso em: 06/03/2019.

AZAGAIA. **O ABC do Preconceito, Cubaliwa, Azagaia**. Maputo: Kongoloti Records & Mahla Filmes Lda, 2013b. 1 vídeo (5 min 40 seg.). Publicado pelo canal Antonio Forjaz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I8sTB5ei6Tk> Acesso em: 20 jan. 2019.

AZAGAIA. "Cubaliwa": Azagaia convida Moçambique a renascer. [Entrevista cedida a] Fátima Valente e Karina Gomes. **Dw.com**, Maputo, 01 nov. 2013c. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cubaliwa-azagaia-convida-mo%C3%A7ambique-a-renascer/a-17195398> Acesso em: 28/02/2021.

BARROSO, Marta. "De guerra de desestabilização a guerra civil": historiador moçambicano fala sobre o conflito entre a FRELIMO e a RENAMO. **DW.com**, 2 out. 2012. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/de-guerra-de-desestabiliza%C3%A7%C3%A3o-a-guerra-civil-historiador-mo%C3%A7ambique-fala-sobre-o-conflito-entre-a-frelimo-e-a-renamo/a-16262237> Acesso em 31/01/2021.

CHICHAVA, S.; POHLMANN, J. (2010). **Uma breve análise da imprensa moçambicana.** In Brito, L., et al (Orgs.). *Desafios para Moçambique 2010*. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos, 127-138.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018.

HERNÁNDEZ, Héctor Guerra. **Modernidade seletiva e Estado predador: primeira aproximação às revoltas populares em Maputo de 2008 e 2010.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 201-232, jan./jun. 2014.

MENDONÇA JUNIOR, Francisco Carlos Guerra de. **O RAP e o ativismo político no espaço lusófono: Estudos de caso no Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.** Tese (Doutorado) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020.

MOREIRA, Igor Lemos. **A “Havana” de Camila Cabello: um estudo da canção, videoclipe e representações latino-americanas.** Orfeu, v. 4, n. 2, dezembro de 2019, p. 143 de 168.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel (fontes audiovisuais). In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes Históricas.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

REDAÇÃO. Gás. **DW.com**, jan. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/g%C3%A1s/t-17422095> Acesso em: 31/01/2021.

Revista
CONVERGÊNCIA
CRÍTICA